

O estilo verbal como o lugar dialógico e pluridiscursivo das relações sociais: um estatuto dialógico para a análise linguística / *Verbal Style as the Dialogic and Pluridiscursive Place of Social Relations: A Dialogic Status for Linguistic Analysis*

Adriana Delmira Mendes Polato *
Renilson José Menegassi **

RESUMO

Neste trabalho, defendemos um estatuto dialógico à atividade de análise linguística na leitura de textos. O conto *A causa secreta*, de Machado de Assis, é tomado como *corpus*, por a literatura constituir, esteticamente, uma representação tensionada dos fenômenos de linguagem analisados. A análise compreende o estilo verbal como o lugar dialógico e pluridiscursivo das relações sociais, cujas escolhas vocabulares e sintáticas da autoria estão orientadas às ligações objetivas e semânticas de caráter cognitivo e ético, refletindo o compartilhamento de axiologias sociais sustentadoras da constituição textual/discursiva. A discussão se respalda nos trabalhos do Círculo de Bakhtin e nas pesquisas decorrentes. Os resultados demonstram a presença de movimentos discursivizados estilístico-composicionalmente, demarcadores da interação autor-criador, interlocutor e tema, os quais apresentamos como dialógicos/valorativos e cuja descrição exige uma interpretação axiológica da forma e estilístico-gramatical do funcionamento linguístico. Daí advém o estatuto dialógico da análise linguística empreendida.

PALAVRAS-CHAVE: Análise linguística; Estilo; Axiologias

ABSTRACT

In the present study, we advocate a dialogic status to the activity of linguistic analysis in the reading of texts. The short story The Hidden Cause, by Brazilian writer Machado de Assis, is taken as our corpus, as literature aesthetically consists of a tensioned representation of the linguistic phenomena analyzed herein. The current analysis acknowledges verbal style as the dialogic and pluridiscursive place of social relations in which the lexical and syntactic choices made by the author are oriented towards semantic and object-related connections of cognitive and ethical nature, thus revealing shared social axiologies that support what constitutes text/discourse. The discussion is based on studies carried out by the Bakhtin Circle and on research studies further developed under the same scope. Results reveal the presence of stylistically-compositionally discursive movements that indicate the interaction established among author-creator, interlocutor and theme, which we present herein as dialogic/valuational and whose description requires an axiological interpretation of form as well as a stylistic-grammatical interpretation of language functioning. Hence is the dialogic status of the linguistic analysis carried out.

KEYWORDS: Linguistic Analysis; Style; Axiologies

* Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR – Campo Mourão, Paraná, Brasil; ampolato@gmail.com

** Universidade Estadual de Maringá – UEM – Maringá, Paraná, Brasil; renilson@wnet.com.br

Considerações iniciais

As preocupações que dizem respeito ao objeto ensino gramatical (FRANCHI, 1987; NEVES, 2002) ou à análise linguística (AL) como perspectiva de ensino gramatical (GERALDI, 1984; PERFEITO, 2007; MENDONÇA, 2006; REINALDO E BEZERRA, 2013) fazem-se presentes no campo da Linguística Aplicada nacional há mais de 30 anos, com vistas a combater a improdutividade do ensino tradicional de línguas. Assim, a AL tem sido heterogeneamente defendida como uma alternativa pedagógica de reflexão sobre a língua em uso, seja em ligação a práticas de leitura, de escrita ou de oralidade, em abordagens enunciativas e/ou discursivas, conforme subjacentemente recomendado nos documentos orientadores para o ensino de língua no país, do que decorrem discussões evidenciando sua importância como práxis necessária na formação inicial e continuada de professores.

No cenário mais recente, grande parte das reflexões que tomam a AL como objeto apresentam-se vinculadas a diferentes perspectivas de trabalho com gêneros textuais/discursivos, sob o escopo total ou parcial da teoria bakhtiniana. As concepções normativas ou descritivas de ensino gramatical são rebatidas porque induzem à análise isolada das significações das palavras, das estruturas gramaticais, e não dos sentidos, que só podem ser dados a partir das enunciações reais, qual substanciados nas formas de enunciados concretos, a partir de seu todo acabado. Apesar dos avanços reconhecidos, ainda não se elucidou o entendimento das axiologias sociais (VOLOCHINOV/BAKHTIN, [1926])¹ como sustentadoras da constituição do texto/discurso, refletidas e refratadas, em última instância, no estilo verbal do gênero, lugar abarcador de amplos aspectos do dialogismo.

Entendendo que esse se constitui um importante flanco aberto à compreensão do objeto em discussão, procuramos demonstrar como o estilo do autor-criador (BAKHTIN, 1988b, 2003a; FARACO, 2007), pluridiscursivo, pode ser interpretado a partir de sua concretização linguística, que reflete a dimensão extralinguística da

¹ Neste trabalho, utilizamos a tradução de *Discurso na vida e discurso na arte: sobre poética sociológica* (1926), feita por Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza nos anos 1980, a partir da tradução para a língua inglesa do original russo, *Discourse in Life and Discourse in Art – Concerning Sociological Poetics*, feita por I. R. Titunik (1976). A autoria do texto, na versão em língua portuguesa, largamente utilizada em trabalhos acadêmicos nacionais, é creditada a Volochinov/Bakhtin. Já na tradução do original russo para o inglês (1976), a autoria é creditada apenas a Volochinov.

linguagem (BAKHTIN, 2008). A interpretação desse fenômeno interacional amplo requer um estatuto dialógico para a análise linguística empreendida, demandando a necessária interpretação estilístico-gramatical do funcionamento linguístico, conforme sugere Bakhtin (2003b; 2013).

Dessa forma, o texto estabelece um percurso teórico-analítico para compreender o estilo verbal do gênero como lugar de desfecho valorativo que abarca vários níveis do dialogismo. Um afinilamento teórico é proposto para sustentar a discussão, iniciando-se com a compreensão do conteúdo ideológico presente no material verbal/palavra, que funciona como ponte para o diálogo interior e exterior do homem nas e a partir das relações sociais (BAKHTIN, 1988b; BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006c). Por fim, analisamos a constituição do estilo verbal do enunciado, já consubstanciado pelas valorações das formas composicional e arquitetônica, como lugar das próprias relações sociais (BAKHTIN, 1988a), por refletir as axiologias compartilhadas na interação autor-criador-interlocutor-tema (VOLOCHINOV/BAKHTIN, [1926]), inerentes à situação social e histórica ampla e imediata da interação (BAKHTIN, 2001).

A análise toma como *corpus* um texto do gênero conto, A causa secreta, do escritor brasileiro Machado de Assis, a fim de clarificar a interpretação das escolhas vocabulares e sintáticas da autoria, como orientadas por ligações objetais e semânticas de caráter cognitivo - dos domínios das técnicas, das formas, do conhecimento de mundo – e, ético – da posição axiológica peculiar assumida pelo autor-criador para tratamento do tema perante seu interlocutor (BAKHTIN, 1988a; 2003a; 2003b), assentada nos valores do grande diálogo social determinativo da estética da criação, do acabamento e do tom peculiar do enunciado novo, inserido na cadeia do discurso. Desse modo, os procedimentos descritivos estão calcados na interpretação estilístico-gramatical do funcionamento vivo da língua a partir de categorias advindas da teoria bakhtiniana e da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), o que acreditamos facilitar reflexões para as situações de ensino e aprendizagem.

Justifica-se que o *corpus* seja de natureza literária por se constituir como uma mostra tensionada e representativa de uma análise aplicável a textos e gêneros emergentes de outros campos. Assim, entendemos o texto – objeto de análise - a partir de seu estatuto material, que remete a uma concretização via gênero discursivo, lugar

por onde o discurso se mobiliza em projeto enunciativo específico, conforme esboça Bakhtin (2003b) e elucida Sobral (2009).

O trabalho ainda se arrisca como interface para um diálogo teórico-analítico produtivo tanto aos interesses de estudiosos da Literatura quanto da Linguística Aplicada, visto a associação análise linguística e texto literário se constituir, por si, pouco explorada, forame e tensa. Coerentemente, as pesquisas emergentes dos Estudos Literários têm zelado por combater que métodos, aplicações de teorias e informações sobre as obras tomem o lugar da leitura em contextos de ensino e aprendizagem (TODOROV, 2007; COSSON, 2007). Ressalte-se que a tomada do texto literário como pretexto para análises gramaticais descontextualizadas (PAULINO, 2010) é ponto nevrálgico e consensualmente combatido.

O artigo, portanto, se propõe a direcionar atenção ao texto literário como expressão acabada da interação social do autor-criador, do interlocutor e do tema, sendo possível demonstrar a existência de certos movimentos dialógicos/valorativos discursivamente demarcadores dessa interação, a partir de uma análise linguística de estatuto dialógico, que converge para o todo do acabamento estético do enunciado.

1 Dialogismo: língua, enunciação e enunciado

O dialogismo bakhtiniano pode ser compreendido como um complexo de conceituações imbricadas que confere à interação verbal o lugar central das relações sociais. O Círculo de Bakhtin define o texto/discurso como lugar da intersubjetividade e como objeto multifacetado ao qual se deve desprender atenção pela compreensão de aspectos extralinguísticos e linguísticos (BAKHTIN, 2003c; 2008). As relações dialógicas são, em sua maioria, de natureza externa, mas, ao mesmo tempo, não podem ser separadas da língua – fenômeno integral concreto, porque é na e pela língua que se manifestam e se concretizam (BRAIT, 2006). Por isso, a proposta de uma metalinguística, que incorpora a dimensão extralinguística da linguagem à linguística, incluindo a noção de signo ideológico, os aspectos extraverbais e verbais da enunciação e internos e externos da orientação do enunciado para a realidade.

A compreensão da língua como fenômeno integral é dada a partir da ideia de signo ideológico, porque “tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo

situado fora de si mesmo” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006a, p.29; grifos dos autores). Assim, o signo é visto como categoria intrinsecamente ligada à ideologia.

Em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2006) Bakhtin/Volochinov se atém a dois embates precisos para defender essa natureza ideológica do signo. O primeiro vem de encontro à filosofia idealista e à visão psicologista de cultura, que situam a ideologia como um fato da consciência, exterior ao signo. O segundo embate vem de encontro ao modo objetivo, abstrato e instrumental de a linguística saussuriana conceber o signo, o que, de certo modo, acaba por sustentar pressupostos que servem a interpretar o signo como um meio técnico de realização do efeito interior, isto é, da compreensão.

Para Bakhtin/Volochinov (2006a, p.32), trata-se de compreender que o signo, por ser ideológico, remete a algo situado fora de si, mas que também se banha do conteúdo da consciência individual:

Os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra. E a própria consciência individual está repleta de signos. A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social.

Nesse sentido, a ideologia não está na consciência, ou fora dela, como pacote pronto, advindo do mundo da natureza, conforme pontua Miotello (2008). Portanto, nem pode ser analisada como subjetivo-individual, nem como ideia da qual alguém se apropria numa relação objetiva, pois o signo ideológico tanto reflete quanto refrata a realidade em transformação em cada campo ideológico, podendo distorcer, reforçar ou apreender essa realidade de um ponto de vista específico – o do locutor.

Assim, a palavra é signo ideológico por excelência, porque sua flexibilidade permite ao locutor interiorizá-la e (re)valorá-la de forma idiossincrática no enunciado próprio, considerando a tarefa de dar exauribilidade a um tema, no direcionamento a outros/interlocutores com os quais mantém relações de alteridade. Por isso, “o papel dos signos no pensamento humano e o da elocução na linguagem [...] liga-se [...] ao modo pelo qual transmitimos em nossa fala a fala dos outros” (CLARK; HOLQUIST, 2004, p.233), o que demarca a natureza iminentemente social das enunciações.

Na acepção do Círculo de Bakhtin, conforme apontam Brait e Pistori (2012, p.387), a “evolução social do signo, está submetida a exigências metodológicas

fundamentais para a ciência das ideologias”. Bakhtin/Volochinov (2006a) defende que não se pode separar a ideologia da realidade material do signo tampouco separar o signo das formas concretas da comunicação social. Do mesmo modo, recomenda “*não dissociar a comunicação e suas formas de sua base material (infra-estrutura)*” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006a, p.35; grifos do autor).

Ao explicar o funcionamento da ideologia no pensamento bakhtiniano, Miotello (2008) deixa entrever que a (re)valorização do signo não dispensa a vida cotidiana, que organizada em estratos superiores (organização social mais imediata desse pensamento) – infraestrutura - pode se fazer sentir nas ideologias formalizadas e estabilizadas – superestrutura. Esse é um processo ininterrupto na cadeia da comunicação verbal, decorrendo que a palavra se torna “capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006b, p.40).

Para o Círculo de Bakhtin, portanto, qualquer aspecto dito linguístico só pode ser observado no ínterim do fenômeno da interação verbal, dado como dialógico e sócio-historicamente constitutivo dos sujeitos, da língua e da própria interação (BRAIT, 2006). Esse processo não se dá fora das enunciações concretas, realizáveis por meio de formas típicas de enunciados – gêneros - e concretizadas linguisticamente, como se propõe no método sociológico para estudo da língua preconizado por Bakhtin/Volochinov (2006d). Com base no método, depreende-se que a situação sócio-histórica ampla e imediata de interação é fundamental para a interpretação do texto/enunciado: a) porque as axiologias sociais é que fazem o linguístico significar; b) porque os gêneros são objetos semiotizados no processo de interação verbal, sendo sua relativa estabilidade e funcionamento social compartilhados pelos interactantes; e, por fim, c) porque “palavras estão ‘já ali sempre’, [...] como ‘jamais alguma vez antes’, porque [...] precisam ser faladas em contextos absolutamente únicos e novos para o locutor (CLARK; HOLQUIST, 2004, p.238), ganhando sua própria entonação e valor.

Cada forma típica de enunciado que serve ao dizer é socialmente valorada pelo campo da atividade humana de onde emerge e por sua historicidade, mas do ponto de vista de sua eventividade, sua escolha representa a tomada de uma posição axiológica por parte de um locutor (BAKHTIN, 1988a), já em resposta a enunciados antecedentes (BAKHTIN, 2003b).

Objetivamente, os gêneros são palpáveis a partir de seu conteúdo temático, de seu estilo de linguagem e de sua construção composicional, elementos internos de sua construção, indissolivelmente constitutivos de seu todo acabado, conforme expõe Bakhtin (2003b). Esses elementos também têm uma orientação externa na realidade que diz respeito à enunciação em si (BAKHTIN, 1988a). Assim, as relações dialógicas, em especial as extralinguísticas, são forças refratárias de conteúdo ideológico, na medida em que consubstanciam a palavra e o enunciado todo, permitindo que reflitam, à finalidade específica de seu uso e produção, as valorações sociais possíveis de serem compartilhadas entre os interlocutores, para que o discurso se constitua entre eles (VOLOCHINOV/BAKHTIN, [1926]), o que analisamos neste trabalho a partir do conto *A causa secreta*, de Machado de Assis.

Dessa forma, o meio social extra-artístico nunca afeta a arte de fora, mas “encontra resposta direta e intrínseca dentro dela” (VOLOCHINOV/BAKHTIN, [1926] p.3), refletindo-se e refratando-se no pluridiscorso do autor-criador e encontrando correlata sustentação ideológica no extraverbal, no julgamento de valor e na entonação, elementos axiológicos calcados no contexto da vida e acionados na e para a enunciação no ato de interação. Esse tripé valorativo está marcadamente relacionado na medida em que é integrante do discurso multifacetado.

O extraverbal pode ser compreendido à luz de uma espécie de contrato entre os interlocutores, que necessita de três fatores: 1) o horizonte espacial ideacional comum, que envolve “o conhecimento ideológico dos falantes sobre as condutas que devem ter nesse espaço determinado” (MENEGASSI; CAVALCANTI, 2013, p.436); 2) o conhecimento e a compreensão comum da situação; e 3) a avaliação comum dessa situação (VOLOCHINOV/BAKHTIN, [1926]). Assim, a situação extraverbal, “*se integra ao enunciado como uma parte constitutiva essencial da estrutura de sua significação*” (VOLOCHINOV/BAKHTIN, [1926], p.8; grifos do autor).

O enunciado, então, compreende sempre uma parte percebida ou realizada em palavras e outra parte presumida. O presumido “*pode ser aquele da família, [...] da nação, da classe e pode abarcar dias ou anos ou épocas inteiras*” (VOLOCHINOV/BAKHTIN, [1926], p.9; grifos do autor). Por isso, é possível afirmar que a própria história e o contexto mais imediato de produção de qualquer enunciado, assim como seu autor-criador e seus interlocutores/ouvintes estão ali inscritos de forma

concreta, sendo os mesmos valores sociais presumidos entre esses interactantes, o que permite a compreensão do valor social e ideológico de cada palavra e toda a organização sistemática sintático-semântica das expressões objetais (BAKHTIN, 1988a), consubstanciadas pela forma típica de enunciado.

A análise de *A causa secreta* aponta, justamente, para como as escolhas vocabulares e sintáticas da autoria machadiana refletem as valorações sociais do contexto sócio-histórico mais amplo e imediato de produção desse conto e como trabalho cognitivo e ético da autoria se efetiva, desde o momento em que demarca uma posição axiológica ao escolher essa forma típica de enunciado para tratar do tema do sadismo e da crueldade humana perante interlocutores constituídos como perscrutadores dessa experiência humana de cunho perverso e atemporal, o que torna possível analisar a obra pelo viés valorativo nos dias atuais.

No caso do discurso literário, os aspectos valorativos são mais veementes, visto o que diz respeito ao extraverbal não se encontrar presente. Então, a alusão ao extraverbal é mais bem marcada no verbal, fazendo desse discurso um inventário pragmático-referencial, propulsionando-lhe um estatuto atemporal, porém, também, historicamente representativo. Tal fenômeno ocorre porque o alcance das valorações sociais abordadas é geralmente mais amplo, propiciando que o enunciado possa “agir apenas se sustentado em fatores constantes e estáveis da vida e em avaliações sociais substantivas e fundamentais” (MENEGASSI; CAVALCANTI, 2013, p.436-437), capazes de constituir interlocutores tanto definidos como indefinidamente no tempo.

Na prosa, o extraverbal é aludido na representação de cada cena, de cada espaço, de cada ato das personagens. Concatenam-se o julgamento de valor social e a entonação, como uma verdade da vida e da obra, indissociavelmente, porque o julgamento de valor social condensa avaliações sociais e organiza “a própria forma de um enunciado e sua entonação, [...] determina a *própria seleção do material verbal* e a *forma do todo verbal*” (VOLOCHINOV/BAKHTIN, [1926], p.9-10; grifos do autor), encontrando sua expressão mais refinada na entonação compartilhada, que ecoa para a compreensão do tema. Esta, por sua vez, estabelece o firme elo entre o discurso verbal e o contexto extraverbal. Assim, a palavra e o enunciado são pontes entre interlocutores (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006; BAKHTIN, 2003b), enquanto “*ouvinte e herói são*

participantes constantes do evento criativo” (VOLOCHINOV/BAKHTIN, [1926], p.15, grifos do autor), o qual envolve todos os três.

Desse modo, o extraverbal, o julgamento de valor e a entonação se apresentam dialogicamente perceptíveis no estilo verbal do enunciado, sendo possível observar um tripé de relações imbricadas: *a)* a própria forma, a estrutura, como por si valorativa porque consubstancia; *b)* o estilo do autor no estilo genérico, para tratar de *c)* um tema socialmente capaz de mover avaliações comuns por parte dos interlocutores, exaurido de forma peculiar no enunciado. “E esta exigência básica da *adequabilidade estilística tem em vista a adequabilidade hierárquico-avaliativa da forma e do conteúdo [...] [,] devem ser igualmente adequados um para o outro*” (VOLOCHINOV/BAKHTIN, [1926] p.17; grifos do autor). Disso decorre que todas as ligações vocabulares e sintáticas tornam-se posicionais e também realizam a forma no objeto artístico, na medida em que são penetradas pela unidade do sentimento de uma atividade ligadora, “orientada sobre a unidade das ligações objetais e semânticas; [...] penetradas pela unidade do sentimento da tensão e do englobamento formador, do envolvimento exterior do conteúdo ético-cognitivo” (BAKHTIN, 1988a, p.65).

Resulta que o autor, o tema e os leitores/ouvintes, entidades constitutivas e essenciais da obra, atuam como “força viva que determina a forma e o estilo” (VOLOCHINOV/BAKHTIN, [1926], p.18). Por isso, apenas no todo acabado do enunciado, numa análise que defende a interpretação da forma como via parcial à interpretação do estilo pluridiscursivo, é possível desvelar essa inter-relação, a partir de uma análise linguística de estatuto dialógico.

3 Valorações sociais no todo acabado de *A causa secreta*

3.1 Contextualização à compreensão da temática

O enredo de *A causa secreta* envolve três personagens: Fortunato, rico capitalista com *status* e prestígio social; sua esposa Maria Luísa, qualificada como meiga e submissa; e Garcia, médico recém-formado, antigo conhecido de Fortunato; todos participantes de uma trama, cujas relações pessoais são tensionadas pelas especificidades das relações sociais e afetivas que os envolvem, no contexto brasileiro

urbano do final do século XIX, em um tratamento que remete à estética realista literária, cujo interesse se volta à análise psicológica das personagens.

Fortunato é um homem que carrega um traço peculiar: a crueldade humana associada ao sadismo – A causa secreta - o tema do conto. O homem causa o sofrimento alheio por meio da manipulação impiedosa e se deleita sentindo prazer em observá-lo. Essa crueldade e esse sadismo são extensivos a pessoas e animais e torturam psicologicamente sua esposa, a quem Garcia ama. Garcia, no entanto, apenas se compadece pelo sofrimento da amada, aceitando passivamente a realidade que os envolve. Ele não ousa ir de encontro às ações de Fortunato. Enquanto isso, Maria Luísa adoece, definha e morre por dor moral, enquanto Fortunato, com prazer, desfruta de toda a ordem de sentimentos (para ele prazerosos) que envolvem o fato.

3.2 Valorações via forma

Para tratar do tema da crueldade associada ao sadismo, axiologicamente, a autoria machadiana escolhe a forma típica de enunciado conto, em claro direcionamento ao ouvinte e ao “objeto do enunciado, o herói²” (VOLOCHINOV/ BAKHTIN, [1926], p.15). Nessa mesma direção também funcionam a forma arquitetônica e a organização da estrutura interna da forma composicional.

Por ser um compacto de ordem narrativa que expurga do diálogo tudo o que não converge ao drama (CORTAZAR, 2006), ao tema, em si, o conto acaba por determinar o emprego de um estilo verbal bastante tensionado, permitindo a observação de como sua forma composicional desmaterializa-se e sai dos limites da obra enquanto material organizado, transformando-se “numa expressão da atividade criativa, determinada axiologicamente, de um sujeito estético ativo” (BAKHTIN, 1988a, p.57).

Em A causa secreta, a forma se imbrica no estilo e essa relação pode ser percebida a partir de algumas escolhas sintáticas da autoria machadiana. Quando da criação e narração de cenas cotidianas que envolvem atos das personagens, há uma opção constante, em vários trechos, pela oração subordinada adverbial temporal reduzida de gerúndio: b) “estando ainda na escola, encontrou-se com Fortunato” (ASSIS, 1982, p.182); “estando nas cadeiras, apareceu ali Fortunato” (ASSIS, 1982,

² Na obra *Discurso na vida e discurso na arte* (1926), entende-se o herói como o tema do enunciado, ou objeto do discurso.

p.183); “chegando à porta, estacou assombrado” (ASSIS, 1982, p.187). A autoria poderia optar pela forma desenvolvida da oração, como seria em “quando ainda estava na escola, encontrou-se com Fortunato”, no entanto, a ausência do conectivo tanto ilustra a compactação do estilo via gênero quanto ilustra a opção da autoria por essa forma reduzida específica, cujo efeito é conduzir o leitor imediatamente a recriar mentalmente o extraverbal da cena. O estilo individual do autor é consubstanciado no estilo genérico (Bakhtin, 2003b) e esse efeito é decorrente dessa escolha gramatical/estilística. Da mesma forma, ocorre um diálogo bilateral: as palavras escolhidas, a organização sintática, organizam a forma composicional. Há uma utilização composicional das ligações sintáticas, porque “o ritmo, agregado ao material, é levado para além de seus limites e começa a penetrar no conteúdo por si só como uma relação criativa com ele” (BAKHTIN, 1988a, p.68), transferindo-o para o plano axiológico da existência estética, inscrevendo na superfície linguística a entonação direta do autor, que poderia ser quebrada pela presença da “conjunção lógica e fria” (BAKHTIN, 2013, p.33), caso a oração fosse desenvolvida. Esse exemplo ilustra como “a interpretação estilística é absolutamente necessária para o ensino de todas as questões de sintaxe do período composto” (BAKHTIN, 2013, p.27), ou seja, uma interpretação estilístico-gramatical. A forma reduzida da subordinada ainda expurga do diálogo entre autor e leitor tudo que não converge à causa secreta, porque o transporte direto do leitor para a cena é essencial para acionar o juízo de valor social compartilhado sobre as condutas sociais que se dão naquele tempo e espaço, permitindo ao leitor co-construir imagens sobre a personagem.

Nesses termos, a forma do conto passa a funcionar como forma arquitetônica, “axiologicamente voltada para o conteúdo” (BAKHTIN, 1988a, p.57). A forma arquitetônica ainda aparece relacionada às relações dialógicas que o enunciado mantém com outros, porque o conto integra a coletânea *Várias histórias*, que agrupa dialogicamente outros contos do mesmo autor em torno das perversões humanas, remetendo à essência psicologista da estética realista, em um direcionamento aos leitores com os quais a autoria machadiana firma relações de alteridade.

Também “a partir do interior do todo composicional e material da obra” (BAKHTIN, 1988a, p.57), observamos o funcionamento valorado da escolha da estrutura interna da forma composicional. Em *A causa secreta*, a autoria machadiana

opta pelo estabelecimento de um *in media res*³ e essa inversão da ordem linear gera curiosidade no leitor sobre o tema, ao mesmo tempo em que dá potência ao papel do narrador machadiano como sabedor de todos os fatos e único responsável por desvelá-los ao leitor: “Como os três personagens aqui presentes estão agora mortos e enterrados, tempo é de contar a história sem rebuço. [...] Em verdade, o que se passou foi de tal natureza, que para fazê-lo entender é preciso remontar à origem da situação” (ASSIS, 1982, p.182).

O narrador justifica a própria forma de narrar, convidando o leitor a dialogar sobre o tema desconhecido, de modo que este se constitui perscrutador do desenrolar da narrativa e do comportamento das personagens, para que esse diálogo se efetive. Aqui vemos o tom social do discurso da psicologia impregnando o conteúdo da estética literária realista e todos os fatores da forma servindo a esse diálogo social, como expressões do posicionamento da autoria machadiana refletida no estilo, em um direcionamento vertical aos interlocutores a ao tema.

3.3 Por uma análise linguística de estatuto dialógico: o extraverbal, o juízo de valor, a entonação e as escolhas estilístico-gramaticais no estilo de *A causa secreta*.

Bakhtin (1988b) esclarece que “a consciência linguística, sócio-ideológica e concreta [...] [do autor] encontra-se de antemão envolvida por um pluridiscursos, e de modo algum por uma só linguagem única, indiscutível e peremptória” (BAKHTIN, 1988b, p.101), embora, na literatura, a individualidade autoral salte mais veemente (BAKHTIN, 2003b).

Inegavelmente, onde “há estilo há gênero” (BAKHTIN, 2003b, p.283), mas na medida em que o autor lê o tema, os leitores e a situação, sofre coerções e faz escolhas linguísticas demarcadoras de seu estilo e de sua arte, recriando nesse diálogo os valores sociais, fixando-os no material verbal, imprimindo, ainda, sua própria entonação ao discurso (BAKHTIN, 1988a). Assim, o estilo é sempre pelo menos duas pessoas: o locutor/autor mais o grupo social ao qual se dirige na forma do seu representante

³ Expressão latina retirada de a *Arte poética* de Horácio, que significa “no meio dos acontecimentos”. Na narrativa, quando se aplica o *in media res*, o enredo não é relatado a partir do início temporal da ação, mas a partir de um ponto médio do seu desenvolvimento. Os acontecimentos omitidos no início da ação são retomados mais tarde.

autorizado - o ouvinte, que é participante constante da fala interior e exterior deste, conforme expõe Volochinov/Bakhtin ([1926]).

Na acepção de Bakhtin (1988b; 2003b), explicada por Faraco (2007), o autor não é individual, mas socialmente criador, por isso a expressão autor-criador. Seu estilo, “longe de se esgotar na autenticidade de um indivíduo, inscreve-se na língua e nos seus usos historicamente situados” (BRAIT, 2008, p.83).

Ressalte-se que, para Bakhtin (2003b), toda escolha gramatical feita pelo autor é um ato de estilo. Por isso, a análise dos pontos de vista gramatical e estilístico devem se combinar sob a base da unidade real do fenômeno linguístico - o enunciado, em um direcionamento ao todo orgânico dessa relação. Logo, o “estudo de gramática [...] [não] pode dispensar observações e incursões da estilística” (BAKHTIN, 2003b, p.269).

Como nada do estilo se realiza sem escolha gramatical, o todo linguístico, o estilo verbal, acaba por revelar as próprias relações sociais, porque a “percepção artística viva e a análise sociológica concreta revelam relações entre *pessoas*, [...] meramente refletidas e fixadas no material verbal” (VOLOCHINOV/BAKHTIN, [1926], p.17; grifo do autor). Esse é o estatuto dialógico de uma análise linguística, tomada como uma prática reflexiva fundamental à compreensão do texto/discurso, na medida em que busca compreender como as axiologias sociais (o extraverbal, o juízo de valor e a entonação) mostram-se no estilo verbal empregado. E como isso ocorre em A causa secreta?

No conto em análise, a autoria machadiana constrói uma visão panorâmica, a partir do olhar do narrador, para sequestrar o leitor a acompanhá-lo na apresentação tensionada, detalhada e gradativa do tema. O autor-criador investe na criação de microcenas que acontecem em microespaços, esmiuçando os atos das personagens para deixar entrever suas motivações ao agir. Nesses cronotopos, “os nós do enredo são feitos e desfeitos. [...] A eles pertence o significado principal gerador do enredo” (BAKHTIN, 1988c, p.355), pois os detalhamentos, dados a partir do espaço demarcado no tempo, relação cronotópica cuidadosamente disposta, favorecem a constituição do narrador preciso na descrição e na análise e do leitor curioso e perscrutador para acompanhá-lo.

Bakhtin (1988c) tratou de elucidar a importância do cronotopo, abordando-o como categoria valorativa fundamental à interpretação das relações espaciais e

temporais representadas nos textos, visto que “cada tema possui o seu próprio cronotopo” (BAKHTIN, 1988c, p.357). Ao revisitar a obra desse autor para explicar o conceito, Fiorin (2006) conceitua o cronotopo como categoria conteudístico-formal remetente a uma cosmovisão que determina a imagem do homem na literatura, visto constituir uma ligação estreita entre o mundo real e o mundo representado, estabelecendo uma interação entre ambos. Esse diálogo “ingressa no mundo do autor, do intérprete e no mundo dos ouvintes e dos leitores” (BAKHTIN, 1988c, p.357), visto esses mundos também serem cronotópicos.

Assim, no conto em análise, a posição e/ou a ação da personagem no microespaço de cada cena social recriada é sempre evidenciada e, dessa forma, a alusão ao extraverbal da cena se concretiza, sendo evidente o significado *temático* do cronotopo (BAKHTIN, 1988c), conforme se pode observar no excerto que dá início à narrativa e mostra Garcia e Maria Luísa em situação de constrangimento frente à frieza de Fortunato: “Garcia, em pé, mirava e estalava as unhas; Fortunato, na cadeira de balanço, olhava para o tecto; Maria Luísa, perto da janela, concluía um trabalho de agulha. Havia já cinco minutos que nenhum deles dizia nada” (ASSIS, 1982, p.182).

No excerto disposto, as escolhas estilísticas/gramaticais machadianas ajudam na criação das imagens precisas e dão seu movimento e valor. Há uma simulação perfeitamente acabada do real que permite aflorar a manifestação de juízo de valor social que autor e leitor compartilham sobre as condutas, principalmente as de motivação psicológica, que as personagens apresentam naquele cronotopo. “Olhar para o tecto”, por exemplo, pode significar indiferença; “estalar as unhas” ou ficar em silêncio pode representar constrangimento. Assim, vemos a organização de processos psicológicos de personagens no enredo relacionada com a experiência da unidade tempo-espaço (BAKHTIN, 1988c). Em *A causa secreta*, destacam-se na criação desses efeitos cronotópicos de direcionamento ao leitor e ao tema, os adjuntos adverbiais de modo e lugar (em pé, na cadeira de balanço, perto da janela) intercalados entre os sujeitos das ações, respectivamente (Garcia, Fortunato, Maria Luísa) e as formas verbais no pretérito imperfeito que encerram as ações por eles praticadas (“mirava e estalava as unhas”, “olhava para o tecto”, “concluía um trabalho de agulha”).

A autoria machadiana encadeia uma cena como resposta à outra, criando um jogo valorativo que ora evidencia o constrangimento das personagens (Garcia e Maria

Luísa) frente a Fortunato, ora evidencia ações cotidianas desta personagem, manifestando sua crueldade. Desse modo, as cenas se entrelaçam no direcionamento ao tratamento do tema, e podemos assistir aos vários cronotopos, incorporando-se uns aos outros, coexistindo, se entrelaçando, encontrando-se em inter-relações mais complexas, conforme sugere Bakhtin (1988c). Esse jogo, gradativamente, convida os leitores a perceberem que há algo de estranho na personalidade do homem que causa constrangimento e dor na mesma medida. A análise do excerto a seguir mostra Fortunato em uma dessas ações: “Ia devagar, cabisbaixo, parando às vezes, para dar uma bengalada em algum cão que dormia; o cão ficava ganindo e ele ia andando” (ASSIS, 1982, p.183).

Na criação dessa microcena detalhada, são dadas as pistas da crueldade de Fortunato. Mais uma vez, o efeito de movimento é obtido pelo encadeamento das escolhas estilístico-gramaticais, o que remete ao sentido da observação tão necessário para que o leitor possa desvendar a causa secreta. Vemos o adjunto adverbial de modo (“devagar”), convergindo para que o narrador descreva a maneira de Fortunato ir pela rua; as formas verbais no imperfeito e no gerúndio para dar movimento à personagem (“ia”, “parando”, “andando”); a oração subordinada adverbial final, para explicitar os motivos das paradas esporádicas (dar uma bengalada em algum cão); a oração subordinada adjetiva restritiva para especificar que tipo de cão a personagem atingia (algum que dormia). A crueldade e a covardia da personagem são postas em evidência e, dessa forma, o extraverbal pode se constituir aqui e agora, sendo o leitor convidado a atribuir juízo de valor social a cada ato da personagem.

O autor, esparsamente, delega ao narrador o papel de tecer inúmeras explicações, para dar riqueza de detalhes e para antecipar ao leitor que sabe de tudo. O recurso sintático valorativo recorrente é a oração subordinada adjetiva explicativa, sempre em direcionamento ao leitor curioso e ao tema misterioso a ser revelado: “e de uma casa de saúde, que adiante se explicará” (ASSIS, 1982, p.182). Assim, o desenvolvimento do enredo apresenta Fortunato, munido com recursos de sua posição social de capitalista, investindo na criação de uma casa de saúde. Ele precisa do médico Garcia para estar à frente do negócio e necessita criar meios para gozar objetivamente da dor alheia. Do mesmo modo, em casa, em seu laboratório pessoal, disseca animais e

faz outros experimentos em nome da fisiologia e da anatomia. As maneiras cruéis descritas torturam a mulher.

O poder de manipulação da personagem é extensivo a Garcia e Maria Luísa, torturados indiretamente, mas os interesses em comum (econômicos e afetivos) e as convenções sociais mantêm laços entre o casal e Garcia, que apenas observava a solidão, a insatisfação e o sofrimento de Maria Luísa. Os valores sociais do mundo burguês do tempo da obra explicitam-se.

O narrador expõe o prazer do marido diante de toda a agonia da esposa doente, até o momento de sua morte:

Não a deixou mais; fitou o olho *baço e frio* naquela decomposição *lenta e dolorosa*, bebeu uma a uma as aflições da *bela* criatura, agora *magra e transparente, devorada* de febre e *minada* de morte. Egoísmo *aspérrimo, faminto* de sensações, não lhe perdoou *um só* minuto de agonia, nem lho pagou *uma só* lágrima, *pública ou íntima* (ASSIS, 1982, p.186; grifos nossos).

As personagens e seus estados físicos e psicológicos, assim como seus próprios sentimentos, são qualificados por meio do uso insistente de adjetivos. A forma verbal “bebeu”, seguida do adjunto adverbial de modo “uma a uma” e do objeto direto “aflições da bela criatura”, opõem o prazer e o domínio do manipulador ao indefeso e inerte estado da personagem manipulada. O superlativo “aspérrimo” e a oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio (faminto de sensações) confere avaliação e a entonação do autor refratando-se na voz do narrador (BAKHTIN, 1988b), ao analisar o egoísmo da personagem, que é qualificada via essa característica. Novamente os adjuntos adverbiais restritivos “um só” e “uma só” ajudam a revelar o modo cético e respectivamente frio como agia Fortunato. Todas essas escolhas, associadas ao uso das vírgulas que separa conteúdos densamente significativos, conferem o juízo de valor gradativamente acionado sobre a conduta meticulosa da personagem, além da entonação avaliativa refinada utilizada para descrever os modos de suas ações. A entonação, então, será suscitada como uma posição valorativa do autor (VOLOCHINOV/BAKHTIN, [1926]), especificamente, quando da criação de cenas que ancoram o leitor no contexto da vida para acompanhar a narração da psicologia que rege a ação da personagem, conforme, também, no excerto representativo do clímax desvelador da crueldade de Fortunato:

Viu Fortunato sentado à mesa, que havia no centro do gabinete, e sobre a qual pusera um prato com espírito de vinho. O líquido flamejava. Entre o polegar e o índice da mão esquerda segurava um barbante, de cuja ponta pendia o rato atado pela cauda. Na direita tinha uma tesoura. No momento em que o Garcia entrou, Fortunato cortava ao rato uma das patas; em seguida desceu o infeliz até a chama, rápido, para não matá-lo, e dispôs-se a fazer o mesmo à terceira, pois já lhe havia cortado a primeira (ASSIS, 1982, p.185-186).

A entonação, calcada no juízo de valor acionado, evidencia a ação sádica da personagem, a partir da recriação detalhada do extraverbal da cena. O adjunto adverbial (“à mesa”) dá a exata posição da personagem no espaço; a oração subordinada adjetiva explicativa (“que havia no centro do gabinete”) localiza a mesa; a oração absoluta (“o líquido flamejava”) seguida de ponto final confere a entonação cadencial seca a ser compartilhada pelo leitor, remetendo à ação impiedosa da personagem, que corta as patas do rato sucessivamente e o desce às chamas. Aqui vemos também a entonação nascer integrada ao conteúdo ideológico da própria palavra (“rápido”), orientada ao tema e ao interlocutor. “Rápido”, entre vírgulas, descreve a calculada ação de baixar o bicho às chamas. Até mesmo a posição dos dedos de Fortunato ao segurar o barbante ao qual estava preso o animal, converge para deixar claro ao leitor que há prazer na tortura. O juízo de valor acionado pela descrição de cada gesto demonstra que Fortunato é meticuloso e frio nas ações. Ele não quer que o animal morra rapidamente, mas que sofra antes disso. Decorreria daí sua crueldade.

Em seguida, o narrador descreve o estado de terror de Garcia ao presenciar a cena em que a crueldade é confirmada: “Fortunato cortou-a *muito devagar*” (ASSIS, 1982, p.186; grifo nosso). O uso da locução adverbial (“muito devagar”), confere mais uma vez o juízo de valor e a entonação, ao mesmo tempo, o que Sobral (2009) descreve como entonação avaliativa, porque os dois conceitos são acionados na mesma expressão.

O mesmo ocorre quando o narrador descreve o prazer de Fortunato ao ver a esposa já morta e Garcia chorando sobre seu cadáver: “saboreou tranquilo essa explosão de dor moral que foi longa, muito longa, deliciosamente longa” (ASSIS, 1982, p.187). A entonação avaliativa que pode ser conferida se inicia com o predicado verbo-nominal (“saboreou tranquilo”), completado pelo objeto (“explosão”), que semanticamente se

contrasta com o estado da personagem. O adjunto restritivo (“de dor moral”) especifica a explosão e a oração adjetiva restritiva (“que foi longa”) a define. Não bastasse a definição, o foco recai sobre a duração da sensação vivenciada pela personagem (“longa”) e, nesse sentido, a locução adverbial (“muito longa”), seguida do advérbio de modo (“deliciosamente longa”), evidenciam o prazer de Fortunato e conferem mais uma vez uma entonação avaliativa, que deve acompanhar a duração do evento.

O sentido da visão é insistentemente retomado durante todo o conto, por meio de diferentes formas verbais, como: examinar, mirar, observar, desvendar, espiar, velar, olhar, fitar, assistir, entre outros, cujo valor ideológico revela sentimentos e emoções das personagens, remete ao sentido de observação necessário aos leitores e serve à exauribilidade do tema, por natureza convergente à análise psicológica das personagens, o que é próprio da estética Realista.

Considerações finais

O trabalho procurou demonstrar a produtividade de uma análise ancorada na compreensão do todo acabado do enunciado. A interpretação do trabalho cognitivo e ético do autor-criador estabelece a relação entre o social e o individual, no que toca às dimensões do funcionamento linguístico e extralinguístico da linguagem, a partir da situação sócio-histórica ampla e imediata de interação de produção do enunciado.

Os aspectos que envolvem a forma são tomados como axiologicamente ligados às escolhas do autor-criador para cumprimento de sua vontade discursiva perante seus interlocutores e, a partir disso, ilustramos o indissolúvel imbricamento entre forma, material verbal e conteúdo.

A descrição do funcionamento dialógico/valorativo das escolhas estilísticas/gramaticais, concretizadas no estilo verbal, serve à compreensão do funcionamento das axiologias sociais (do extraverbal, do juízo de valor e da entonação) refletidas no material verbal, projetando, ininterruptamente, a refração de novos processos valorativos. Assim, estabelece-se um estatuto dialógico para a análise linguística, que foca o estilo verbal do enunciado como pluridiscursivo e representativo das próprias relações sociais.

Tal perspectiva nos permite sugerir a possibilidade de abordar os aspectos linguísticos do texto a partir dessa análise linguística de estatuto dialógico, em que as escolhas vocabulares e sintáticas da autoria são interpretadas estilístico-gramaticalmente.

REFERÊNCIAS

ASSIS, M. A causa secreta. In: BOSI, A.; et al. (Org.). *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982. p.182-187.

BAKHTIN, M. O autor e a personagem na atividade estética. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003a, p.03-192.

_____. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003b, p.261- 306.

_____. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: _____. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003c, p.307-335.

_____. *Problemas da poética de Dostoievski*. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Forense-Universitária, 2008.

_____. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: _____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Ed. da UNESP, 1988a, p.13-70.

_____. O discurso no romance. In: _____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Ed. da UNESP, 1988b, p.71-210

_____. Formas de tempo e de cronotopo no romance (Ensaio de poética histórica). In: _____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Ed. da UNESP, 1988c. p.211-362.

_____. *Questões de estilística no ensino de língua*. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2013.

_____. *O freudismo: um esboço crítico*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____/ VOLOCHINOV, V. Estudo das ideologias e filosofia da linguagem. In: _____/VOLOCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2006a, p.31-38.

_____. Relação entre as infraestruturas e as superestruturas. In: _____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2006b, p.39-47.

_____. Duas orientações do pensamento filosófico linguístico. In: _____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2006c, p.69-89.

_____. A interação verbal. In: _____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006d, p.110-127.

BRAIT, B. Estilo. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2008, p.167-176.

_____. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p.9-33.

_____.; PISTORI, M.H.C. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo. *Alfa*, v. 56, n.2, p.371-401, 2012. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/5531>>. Acesso em: 3 jun. 2013.

CLARK, K; HOLQUIST, M. O marxismo e a filosofia da linguagem. In: _____. *Mikhail Bakhtin*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2004. p.233-255.

CORTÁZAR, J. *Alguns aspectos do conto*. In: *Valise de cronópio*. Trad. Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006.

COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2007.

FARACO, C. A. Autor e autoria. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2007, p.37- 60.

FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

FRANCHI, C. Criatividade e gramática. *Trabalhos em Linguística Aplicada*. V. 9, p. 5-45, 1987. Disponível em:<<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/tla/article/view/3748>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

GERALDI, J. W. (Org). *O texto na sala de aula*. 4.ed. São Paulo: Ática, 2006.

MENEGASSI, R. J.; CAVALCANTI, R. S. M. Conceitos axiológicos bakhtinianos em propaganda impressa. *Alfa*, São Paulo, n. 57, v. 2, p.433-449, 2013. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/download/5133/4669>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

MENDONÇA, M. Análise linguística no Ensino Médio: um novo olhar, um outro objeto. In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. *Português no Ensino Médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola, 2006, p.199-226.

MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2008, p.79-102.

NEVES, M. H. M. A gramática escolar no contexto do uso linguístico. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p.233 - 253, 2002. Disponível em: <<http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2341>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

PAULINO, G. *Das leituras ao letramento literário – 1979-1999*. Belo Horizonte: Fae/UfMG; Pelotas: UFPel, 2010.

PERFEITO, A. M. Concepções de linguagem e análise linguística: diagnóstico para propostas de intervenção. In: ABRAHÃO, M. H. V.; GIL, G; RAUBER, A. S. (Orgs.). I Congresso latino-americano sobre formação de professores de línguas-CLAFPL. *Anais*. Florianópolis, UFSC, 2007, p.824-836. Disponível em: <http://www.cce.ufsc.br/~clafpl/74_Alba_Maria_Perfeito.pdf>. Acesso em 21 jan. 2013.

REINALDO, M. A. G. M.; BEZERRA, M. A. Conceitos de análise linguística associados a teorias de gênero. In: APARÍCIO, A. S. M. & SILVA, S. R. (Org.). *Ensino de língua materna e formação docente: teoria, didática e prática*. Campinas: Pontes, 2013, p.20-35.

SOBRAL, A. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

TODOROV, T. *La littérature en péril*. Paris: Flammarion, 2007.

VOLOCHINOV, V. N./ BAKHTIN, M. *Discurso na vida e discurso na arte: (sobre poética sociológica)*. Trad. Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza [para fins didáticos]. Original russo Slovo v zhizni i slovo v poesie, publicado em [1926], na revista Zvezda nº 6, assinado V. N. Voloshinov. A tradução para o português baseou-se em Discourse in Life and Discourse in Art – Concerning Sociological Poetics, de I. R. Titunik, publicada em VOLOSHINOV, V.N. *Freudism*, New York. Academic Press, 1976.

Recebido em 10/05/2016

Aprovado em 08/04/2017